

eis aqui a campina brutal

agradeço a Bruna Fernanda, Eloisa Almeida, Giovana Lucato e Giovanna Guedes pela ajuda com o texto e com a curadoria

Formação herbácea contínua e desprovida de árvores. Estas paredes altas meio verdes na Santa Cecília. Nesta salinha com iluminação industrial, quatro artistas se reúnem sob uma imagem:

Enquanto isso, vemos cinco pernas da abertura de um tronco de árvore. Não sei se árvore, mas um cone vermelho, com galhos que parecem cortados. Não parece madeira para mim. Em um dos galhos tem um passarinho gigante tentando ver o que acontece, tentando olhar pela abertura.

Um exercício de imaginação da matéria. Como poderíamos projetar outras formas impossíveis? Formas que habitam este jardim, esta forma idílica de um espaço de arte – espaço real das paredes verdes, do chão de ardósia.

Esse foi o meu registro da visão da pintura *O jardim das delícias terrenas* de Hieronymous Bosch, ou de sua transcrição digital numa tela luminosa. Essa visão interpelou outras imagens, difusas, de prazer e terror – e a ideia de dissolução da matéria, desmaterialização, destruição. Pensei em alguns artistas para dialogar, aos quais ofereci o enigma desse texto.

Responderam assim, da forma que se organiza esta exposição. Cada, em seu trabalho, acredito que buscou dialogar com o que compreendeu. Desenrolamos diálogos em casa, em ateliê ou no whatsapp e fui entendendo, aos poucos e cada vez mais, o que esta exposição se tornaria, e cada vez menos, pois fugia a cada passo. E ela se formou.

Não se permite vitalidade, não se admite a natureza.

Pareceu que os trabalhos apresentavam alguma brutalidade, e esta clareira foi modelada pela recusa fatal: ao prazer simples, à compreensão, à resolução positiva. Talvez pela cidade que habitam, que circulam.

O trabalho de Lui Beraldo parece ter cristalizado essa imagem: uma coluna pendente do teto, a estrutura destacada do corpo, formada de pneus de bicicleta enforcados uns nos outros.

Os materiais no trabalho de Lui coagulam um desejo bruto também. Uma brutalidade afim daquela caixa-gente-máquina de Thaís Suguiyama, que não desempenha funções orgânicas.

De papel, um projeto. O corpo e a máquina, uno. Para fabricar um cocô freudiano. Um mecanismo de prazer, no tempo do relógio, produção seriada.

Ou uma base translúcida de fibra de vidro e um lago de cobras. O trabalho de Emerson Freire: répteis misturados, peles gosmentas, brilhantes e fascinantes. O lago das cobras é um momento primordial. Vejo menos o nascimento que uma transformação distópica. São futuros ancestrais para uma ecologia que não recebe nossos corpos.

Estática, como se congelasse seu movimento de nascer. Como se projetasse um redemoinho ascendente.

Quando vi algumas pinturas do Bruno Alves reunidas no ateliê, perguntei de onde vêm os cachorros. Eles estão nas paisagens da periferia de São Paulo. Uma personagem recorrente nas festas, nas feiras, nas fofocas.

Como outras coisas que estão: mangás, capas de álbum, placas de trânsito e a internet.

Outras coisas não se deixam ver, seduzem com seu mistério, suas palavras. Frente à paisagem, o olhar verde que encara imerso na escuridão, como o mistério da noite. Concordamos que gostamos das imagens da noite. Ela carrega o frescor pelo calor do dia, o silêncio dos sonhos.

Durante uma semana, sob estas luzes artificiais, o jardim vive. Sem folhas e sem respirar. Sem desviar, a transformação, a matéria, o prazer, o terror aludiram ao sexo, ao corpo, à urbanidade, à destruição. Um jardim que não oferece, negativa brutal. Área da destruição pela regra. Uma cena de sedução, mistério. Eis aqui a campina brutal.

Caio Bonifácio, março de 2024

campina brutal

curadoria de caio bonifácio

bruno alves

1. *As opções de lembrar-se do jardim ou esquecê-lo*, 2022
2. *Green Eyes ou uma noite imensa decorando o topo de nossas cabeças*, 2024

lui beraldo

3. *Angioesperma*, 2024

emerson freire

4. *Série Estranhos prazeres - composição viveiro*, 2024

thaís suguiyama

5. *Dançando no escuro*, 2024

